

PUJADAS, Joan J. (coord.), Dolors COMAS D'ARGEMIR, Jordi ROCA I GIRONA (2010). *Etnografia*. Barcelona, Editorial UOC.

Etnografia

Graça Índias Cordeiro

Departamento de Métodos de Pesquisa Social e CIES-IUL, ISCTE-IUL-
Instituto Universitário de Lisboa

Etnografia é um excelente manual que consegue apresentar a riqueza inesgotável desta forma de conhecer a diversidade sociocultural das sociedades contemporâneas de perto, de dentro, numa relação próxima, e, ao mesmo tempo, ensinar a fazer etnografia, passo a passo. Publicado em catalão em 2004 é com agrado que saudamos a tradução em castelhano, disponível a partir de 2010, que alarga a sua leitura a um publico bem mais amplo.

Só com uma longa experiência de investigação e de ensino foi possível produzir este livro cuja utilidade alcança vários alvos. O texto é acessível, rigoroso e detalhado e destina-se tanto ao amplo público, curioso em melhor conhecer os métodos de pesquisa social, como ao estudante, ao técnico profissional, e ao investigador que deseje aprofundar os seus conhecimentos e usá-lo como guia de trabalho e, ainda, a todos os professores de ciências sociais que encontram aqui uma fonte de inspiração teórica e metodológica apta a ser usada em sala de aula e na bibliografia dos programas dos cursos de metodologias qualitativas. A complementaridade dos seus três autores, todos professores de antropologia na Universitat Rovira i Virgili, em Tarragona, advém, em grande medida, de uma longa e sistemática colaboração partilhada em equipas de investigação, aliado a especializações pessoais em torno de interesses de pesquisa próprios, uma vez que todos são autoridades reconhecidas nas matéria dos subcapítulos que assinam – como bem exemplificam “Cartas de parentesco y genealogias”, de Dolors Comas, “Trayectorias sociales e historias de vida”, de Joan Pujadas ou “Fuentes documentales y archivos”, de Jordi Roca.

Etnografia consegue reunir em quatro grandes capítulos, de forma concisa e, simultaneamente, abrangente, o essencial sobre o processo de pesquisa etnográfica incluindo uma reflexão crítica sobre os seus resultados, criteriosamen-

te exemplificada com monografias de referência no campo da antropologia e da sociologia qualitativa. O duplo significado de etnografia como “processo de aquisição de conhecimento” através do qual o investigador se relaciona com o ‘terreno’ e como o produto final deste mesmo processo (p. 15), constitui um fio condutor seguro. Com esta visão processual e dinâmica, os vários capítulos levam o leitor através de um percurso compreensivo que vai desde os fundamentos históricos e teóricos da etnografia no âmbito da ciência que a viu nascer, a antropologia (cap. 1), a prática de campo (cap. 2), a escrita etnográfica (cap. 3) até a um breve e elucidativo roteiro de trabalho que ilustra, de forma sintética e muito clara, todo este processo (cap. 4). Este último capítulo exemplifica o desenho de um projecto de investigação desde a “fase inicial de construcción del objeto de estudio y de toma de contacto com el *terreno* hasta le redacción final de las conclusiones de un proyecto” (p. 271) inspirando-se numa investigação concreta sobre imigração latino-americana em Catalunha e Andorra. Cada um destes grandes capítulos tem uma breve introdução e conclusão que ajudam a orientar o leitor e asseguram a unidade da obra.

A prática e a descrição etnográfica constituem o miolo, o núcleo duro do livro. Apesar de serem dois momentos que fazem parte de um mesmo processo de investigação e se relacionam de um modo muito íntimo e iterativo, suscitam procedimentos diferentes – e é essa a razão para esta separação entre o nível mais “prático” das técnicas de campo e o nível mais teórico das estratégias da descrição etnográfica. Separação esta que, para além de respeitar dois níveis de aproximação ao terreno diferentes, tanto do ponto de vista existencial como teórico, se deve sobretudo a uma opção pela clareza na organização da obra. Contudo, e apesar desta distinção que é mais subtil do que o próprio índice deixa transparecer, a leitura dos vários subcapítulos que compõem estas duas partes centrais pode ser feita aleatoriamente, de acordo com a ordem que se quiser. Observação participante, entrevista, análise de redes sociais, mapas de parentesco e genealogias, documentos e arquivos, uso da imagem nos seus vários suportes, estudos de caso aprofundados, estudos de comunidade, histórias de vida e etnografias temáticas, são as várias peças que compõem o miolo do livro e constituem, cada uma delas, unidades suficientemente sólidas e coerentes do ponto de vista teórico e metodológico para serem lidas em separado.

No nível mais próximo do terreno, do trabalho de campo propriamente dito (cap. 2) a observação participante surge como o eixo a partir do qual todas

as outras técnicas se organizam, estruturando o próprio processo etnográfico, uma vez que dá sentido e articula todas as informações que se colectam, sejam elas baseadas na conversa (entrevista), na análise documental e histórica, ou na produção/análise de imagem. Relacionar as perspectivas das entrevistas com a realidade observada, identificar e mapear as redes sociais, incluindo as de parentesco, interpretar de forma contextualizada fontes documentais e arquivísticas, resgatar as memórias que ajudam à construção da história oral, (164), incluir cada vez mais tudo o que circula e acontece na internet, assim como a fotografia, o desenho, o filme são as actividades que, de forma articulada, constituem o trabalho de campo etnográfico também designado, simplesmente, como observação participante. Citando Jordi Roca a propósito da relação entre objectividade/subjectividade nas ciências sociais, traduzido na falsa questão “realidade ou ficção”: “el valor etnográfico no es una propiedad del objecto sino el producto de una relación entre el investigador, lo que se há investigado y sus mediaciones técnicas” – e teóricas, acrescentaria eu. Sumariamente, pode dizer-se que a observação participante é, afinal, mais do que apenas uma técnica, é uma perspectiva sobre o mundo e um modo de o conhecer que só se aprende praticando e que tem a grande vantagem de permitir compreender o global a partir da observação do particular (p. 86); como escreve Caroline Brettel, “only research at more microscale can capture how the global meets the local”¹ (Brettel, 2011: 86).

No nível próximo da escrita e da descrição etnográficas (cap. 3) o lugar é dado às estratégias de apresentação dos dados e ao modo como estas realidades *emic* são dadas a conhecer. Nesta parte, podemos acompanhar as várias formas de narrar o mundo, através de estudos de caso em profundidade, com pontos de vista mais situacionais – como o *Kalela Dance* (pp. 197-203) – territoriais ou reticulares, sejam eles na Zâmbia, México ou Grã-Bretanha; através de estudos de comunidade, “esse objecto de estudo clássico da antropologia que gerou uma forma própria de a estudar” (p. 214) ou, ainda, de um humanismo metodológico que está na base da análise de trajectórias sociais e histórias de vida, onde “os estilos científicos se combinam com a criação literária” (p. 240) lembrando que “lo que hacemos los antropólogos es estudiar determinados problemas me-

1. Caroline Brettell, 2011, “Scalar Positioning and Immigrant Organizations: Asian Indians and the Dynamics of Place” in Glick Schiller, Nina & Ayse Çağlar (ed) *Locating Migration. Rescaling Cities and Migrants*, Ithaca and London: Cornell University Press, pp. 85-103

diante las personas o junto con ellas” (p. 243). A finalizar este terceiro capítulo, cinco exemplos de etnografias temáticas, em que a relação com as unidades territoriais é mais ténue, uma vez que a delimitação do objecto não se confina aos limites espaciais da unidade de observação, espacial e geográfica, mas é feita em torno de temas/problemas teóricos orientadores. Este subcapítulo retoma a noção de comunidade para enfatizar a diferença entre “objecto de estudo” e “unidade de observação” e o modo como o primeiro se vai construindo ao longo do processo etnográfico, como entidade sociológica que pode coincidir ou não com as fronteiras de uma aldeia ou lugar urbano (p. 255-56). O que aliás, abre para todas as questões que as novas formas de comunicação mediadas por computador (CMC) levantam cada vez mais, na sociedade contemporânea em que vivemos.

Por ultimo, este livro que modestamente se assume como um simples roteiro orientador para a etnografia, consegue integrar dois aspectos que nem sempre vão a par: primeiro, articulando muito bem a teoria e a prática etnográfica através de uma cuidadosa discussão de conceitos e perspectivas, a exemplo da noção de comunidade, a relação entre unidade de observação e de análise, representatividade e significação; segundo, dando uma visão bem contextualizada e enraizada dos exemplos escolhidos, desde as monografias mais clássicas e “exóticas” até às mais contemporâneas e “próximas de casa” com uma particular atenção à mais recente produção antropológica catalã, mostrando como a investigação em ciências sociais se constrói sempre num íntimo diálogo com conjunturas históricas e nacionais particulares que lhe dão sentido.